A Cidade No Mar Edgar Allan Poe

Enviado por:

Publicado em: 20/06/2007 13:40:00

Olhai! a Morte edificou seu trono numa estranha cidade solitária por entre as sombras do longínquo oeste. Lá, os bons, os maus, os piores e os melhores, foram todos buscar repouso eterno. Seus monumentos, catedrais e torres (torres que o tempo rói e não vacilam!) em nada se parecem com os humanos. E em volta, pelos ventos olvidadas, olhando o firmamento, silenciosas e calmas, dormem águas melancólicas.

Ah! luz nenhuma cai do céu sagrado sobre a cidade, em sua imensa noite.

Mas um clarão que vem do oceano lívido invade dos torreões, silentemente, e sobe, iluminando capitéis, pórticos régios, cúpulas e cimos, templos e babilônicas muralhas; sobe aos arcos templos magníficos, sem conta, onde os frios se enroscam e entretecem de vinhedos, violetas, sempre-vivas.

Olhando o firmamento, silenciosas, calmas, dormem as águias melancólicas. Torreões e sombras tanto se confundem que é tudo como solto nos espaços. E a Morte, do alto de soberba torre, contempla, gigantesca, o panorama. Lá, os sepulcros e os templos se escancaram mesmo ao nível das águas luminosas; mas não pode a riqueza portenhosa dos ídolos com olhos de diamante, nem das jóias que riem sobre os mortos, tirar as vagas de seu leito imóvel; pois, ai! nem leve movimento ondula esse imenso deserto cristalino! Nem ondas falam de possíveis ventos sobre mares distantes, mais felizes; ondas não contam que existiram ventos

em mar de menos espantosa calma.

Mas, vede! Um frêmito percorre os ares.
Uma onda... Fez-se ali um movimento!
e dir-se-ia que as torres vacilaram
e afundaram de leve na água turva,
abrindo com seus cumes, debilmente,
um vazio nos céus enevoados.
As ondas têm, agora, luz mais rubra,
as horas fluem, lânguidas e fracas.
E quando, entre gemidos sobre-humanos,
a cidade submersa for fixar-se no fundo,
o Inferno, erguido de mil tronos,
curvar-se-á, reverente.
